

Os **hotéis de Lisboa** no contexto das **políticas** e das **culturas urbanas** do século XIX

ANA MARIA ALVES PEDRO FERREIRA * [amferreira@uevora.pt]

Resumo | Este artigo tem como fim descrever o modo como surgiram os primeiros hotéis na cidade de Lisboa, no século XIX, a sua inserção na malha urbana, as razões que presidiram às opções tomadas, em termos de localização, face às políticas urbanas e aos estilos de vida dos seus clientes, estilos de vida convergentes com as manifestações de cultura urbana da época. Em termos metodológicos selecionou-se a técnica do estudo de caso baseado na inventariação e análise de documentos provenientes de uma grande variedade de fontes que se estendem dos Estudos Culturais à Sociologia Urbana, do Urbanismo e da Arquitetura à História de Lisboa e à da Literatura.

Palavras-chave | Hotéis de Lisboa no século XIX, Políticas urbanas, Estratégias de localização, Estilos de vida de clientes e frequentadores.

Abstract | The article describes the opening of the first hotels of Lisbon in the XIX century, analysis their insertion in the urban fabric as a consequence of the urban policies, explains the reasons that led to their localization and analysis their guests' lifestyles. The case study is based on a large and varied number of documental sources concerning Cultural Studies, Urban Sociology, Urbanism, Architecture, Local History and Literature.

Keywords | Hotels of Lisbon in the XIX century, Urban policies, Localization strategies, Guests' lifestyles.

* Doutora em Turismo pela Universidade de Aveiro. Professora Associada da Universidade de Évora.

1. Metodologia

A investigação que se realizou tinha como objetivo conhecer os hotéis de Lisboa do século XIX, pesquisa que não teve novos desenvolvimentos desde a elaboração da dissertação que se efetuou para obtenção do grau de Mestre (Ferreira, 1994). Com o intuito de consolidar os resultados obtidos alargou-se o âmbito da análise, com o auxílio de um conjunto de disciplinas e áreas de saber, que anuíram a uma contextualização mais consistente alicerçada nas políticas e nas culturas urbanas da época.

A recolha de fontes efetuada intentava responder à seguinte pergunta de partida: A oferta hoteleira de Lisboa, no século XIX, cresceu em consonância com as aspirações de desenvolvimento da capital e as expressões de cultura urbana da época as quais influenciaram os estilos de vida dos seus clientes e frequentadores?

A pergunta de partida tinha, por sua vez, os seguintes objetivos: i) conhecer as primeiras unidades hoteleiras de Lisboa; ii) inserir as unidades hoteleiras na malha urbana; iii) relacionar a política de afirmação e desenvolvimento urbano, expressa na evolução dos transportes e dos terminais, com a localização dos hotéis; e iv) caracterizar o estilo de vida dos seus clientes e frequentadores.

As técnicas utilizadas incluíram a análise documental e o estudo de caso. Na fase inicial foram consultados os processos de obra dos Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, embora esta indagação se tenha revelado infrutífera. Alargou-se a pesquisa a outras fontes, nomeadamente aos jornais (*Diário Ilustrado*, *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, *Jornal de Notícias*), guias turísticos (*Guia Ilustrado de Lisboa*) e publicações especializadas na área do turismo (*Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal*) cobrindo o período que medeia entre 1850 e o final do século. Consultou-se um conjunto de historiadores da cidade, como Mário Costa, Francisco Cântico, Norberto de Araújo, Luiz Pastor de Macedo e João Paulo Freire. Deu-se atenção à obra de Eça de Queiroz como representativa da cultura urbana do século

XIX, período em que Portugal busca a modernidade, embora ainda muito ligado aos valores do passado. No que diz respeito à inserção na malha urbana, as nossas fontes abrangeram o *Almanach Comercial de Lisboa* (1884, 1898, 1892) e o Anuário Comercial de Lisboa (1899, 1909, 1912, 1913).

Explorou-se a obra de Maria Rattazzi, por se tratar de um olhar exterior a Portugal, uma viajante que escreveu sobre Portugal, da qual se extraiu os comentários em relação ao serviço prestado pelos hotéis da capital. Apesar de surgirem alusões quanto à presença de turistas estrangeiros em Lisboa, por ausência de testemunhos, reduziu-se a análise ao mercado interno, com enfoque nos frequentadores locais.

O enquadramento nas políticas urbanas apoia-se na produção académica de historiadores dos transportes e a inserção na cultura urbana do século XIX nas obras de Simmel (1997) e Benjamim (1997).

2. Inserção dos hotéis na malha urbana

No decénio de 1860 o país vivia uma época de grande desenvolvimento, graças à concretização de políticas urbanas, implementadas por Fontes Pereira de Melo, conducentes à transformação de Lisboa numa grande cidade europeia (Marques, 1981).

A Lisboa que viu surgir os primeiros hotéis era uma cidade em profunda mutação, que, pela primeira vez, ia ultrapassar os limites impostos pela reconstrução pombalina. As obras iniciadas em 1879, com a abertura da Avenida da Liberdade, da autoria do engenheiro Ressano Garcia, tinham como objetivo iniciar a expansão da cidade para norte e dotá-la de um conjunto de novas artérias ao gosto parisiense. Esta alteração implicou a destruição do Passeio Público, concluído em 1840, o qual se veio a impor como espaço de sociabilidade, devido à ação do príncipe consorte D. Fernando (França, 1989). O Passeio Público e o Passeio Marginal do Aterro da Boavista (ver secção 2.2.) eram frequentemente evocados, nas obras consultadas, por serem muito

visitados pelos hóspedes e pelos frequentadores dos melhores hotéis da capital.

As transformações introduzidas, no plano das acessibilidades, tiveram grande impacto no desenvolvimento da cidade. As obras de melhoria do porto de Lisboa, iniciadas em 1887, a construção da rede ferroviária interna, concluída 1893, a ligação ao *Sud Express* e a edificação da Estação Central do Rossio, finalizada em 1890, permitiram oferecer aos turistas nacionais e estrangeiros um maior conforto nas suas deslocações. Outras alterações também concorreram para o incremento da atratividade da capital do país – a introdução da iluminação pública, e a regularização e embelezamento das praças e das ruas (Silva & Matos, 2000).

A revisão de literatura, no que concerne as estratégias de localização dos hotéis de cidade, em que se analisaram os casos de Madrid (Gutiérrez, 1977), de Christchurch (Pearce, 1981), de Toronto (Wall, Dudycha & Hutchinson, 1985), de Viena de Áustria

(Hofmayer, 1986), de Telavive (Arbel & Pizam, 1977), de Londres (Page & Sinclair, 1989), permite afirmar que os hotéis tinham e continuam a ter tendência para se situar nos centros históricos das cidades (Shoval & Cohen-Hattab, 2001). Ritter (1986), que estudou o caso de Nuremberga, desde o século XIX, confirma a inserção dos hotéis na malha urbana antiga. No entanto, sempre segundo este autor, à medida que os meios de transporte evoluíram os hotéis revelaram propensão para acompanhar a localização dos terminais.

Os hotéis de Lisboa, no século XIX, seguiram a tendência dos seus congéneres europeus. Por esse motivo, o visitante recém-chegado, em 1884 (*Almanach Comercial de Lisboa*, 1884, p. 140), depressa reconhecia que, a maior parte das unidades hoteleiras, de qualidade, estavam situadas em três zonas nobres da cidade: Chiado, Cais do Sodré e algumas ruas da Baixa Pombalina, como se pode verificar pela consulta do quadro 1.

Quadro 1 | Os hotéis de Lisboa no século XIX: Nome, localização e data de inauguração dos melhores hotéis de Lisboa

Nome	Localização	Inauguração
Hotel Central	Praça Duque da Terceira, n.º 20 a 27	Depois de 1842
Hotel de l'Europe	Rua do Carmo, n.º 2	1845
Hotel Itália	Largo do Chiado, n.º 6	Antes de 18509
Hotel Bragança	Rua Vitor Cordon, n.º 45 a 47	Antes de 1850
Hotel Universal	Rua do Carmo, n.º 2	1850
Hotel Alliance	Rua Nova da Trindade, n.º 10	1864
Hotel Francfort - Santa Justa	Rua de Santa Justa, n.º 70 a 72	1867
Hotel Matta	Largo do Chiado, n.º 6	1873
Hotel Duas Nações	Rua da Vitória, n.º 41	1875
Hotel Borges	Rua Garrett, n.º 108	Antes de 1884
Hotel Avenida Palace	Rua 1.º de Dezembro, n.º 123	1892
Hotel Francfort - Rossio	Praça D. Pedro IV, n.º 105 a 113	1894

Fonte: Elaboração própria a partir de *Almanach Comercial de Lisboa* (1884, 1889 e 1892); *Anuário Comercial* (1906, 1909 e 1913); Araújo (s.d.(a) e (b))

2.1.Os hotéis do Chiado

A localização no Chiado devia-se ao prestígio que lhe advinha de reunir “no seu perímetro alargado, os mais importantes lugares de vivência burguesa: hotéis, restaurantes, pastelarias, comércio de produtos da moda, livrarias e o Teatro de São Carlos” (Queiroz & Alves, 2012, p. 28). Os estilos de vida praticados tentavam imitar os de Paris da nova urbanização de *Hausmann* – a cidade das exposições, das deambulações, da frequência dos cafés, dos cabarés e das lojas (Benjamin, 1997) e os de Barcelona.

Em Barcelona, em paralelo com a reestruturação urbana, surgiu um movimento, denominado por novecentista, em parte herdeiro do dandismo, que pretendia ensinar urbanidade, ou seja, a viver nas cidades catalãs dessa época, e se fundamentava em características da atitude *blasé*, e, sobretudo do estilo de vida do *flâneur*. O poeta Joan Maragall e os filósofos Jaime Bofill, e Eugène D’Ors, que eram membros desse grupo, enquanto escreviam livros e artigos assumiam também, com frequência, o encargo de árbitros do gosto (Carreras, 1994, p. 103).

Simmel (1997) descreve a atitude *blasé* como uma consequência das ligações induzidas pelo capitalismo metropolitano e pela monetarização da sociedade que conduzem à individualização, ao anonimato e às relações de estranhamento. A personalidade *blasé* distancia-se e isola-se da vida social urbana, como modo de preservar a sua vida interior, enquanto, o *flâneur*, de acordo com Benjamin (1997), se apropria da cidade como palco da sua vida.

O *flâneur* movia-se nas ruas da Baixa, especialmente no Chiado, no meio dos outros passantes olhando as montras e observando, de forma distraída, apreciando as novidades da moda, procurando saber as últimas da Corte e das cortes, os mais recentes escândalos de mundanos e mundanas, de artistas de ópera ou de teatro de modo a absorver

experiências, entre a imersão e o distanciamento. A *flânerie*, como explica Ortiz (2000, p. 21), implica a ideia de distanciamento porque para observar é necessário que “o observador se separe do que está sendo observado”.

Uma cultura de café, à dimensão da capital de um pequeno país periférico, era detetável no Chiado e em algumas ruas da Baixa. Passear no Chiado sem degustar os bolos da Pastelaria *Ferrari* ou sem se mostrar no Café *Marrare* ‘do Pulimento’ era considerado crime de lesa-reputação para qualquer pessoa elegante da época. Sobretudo o *Marrare*,

o mais afamado cenáculo político e literário do dandismo alfacinha e pelo qual passaram, sem exceção, todos os homens públicos, estadistas ou não, os elegantes do tempo, escritores, os *dilettanti* de S. Carlos, os boémios, os fidalgos de trato político-literário (Araújo, s.d.(a), p. 95).

O Restaurante Tavares, situado na Rua do Mundo, era considerado, no último quartel do século XIX, o templo da gastronomia motivo pelo qual fazia parte deste roteiro (Carvalho, 1938, p. 205).

Nos romances de Eça de Queiroz, encontra-se figuras com atitude *blasé* e estilos de vida *flâneur* que frequentam dos grandes hotéis de Lisboa. Com o objetivo de ilustrar a afirmação evoca-se o personagem Artur Corvelo do romance *A Capital*, hospedado no Hotel Universal, para traçar um retrato do *flâneur* português (Queiroz & Alves, 2012, p. 29).

A sua vida agora tinha grandes doçuras: a melhor, depois de almoço, era encostar-se à janela a fumar o seu charuto: os dias estavam azuis, com um pó dourado de luz: no Chiado os pregões cantavam os trens rolavam, e ele, no indolente entorpecimento da *omollette* e do bife, olhava do alto, com a pupila húmida de bem-estar, a vida em baixo, reinar mover-se, atirando para o céu luminoso baforadas brancas de charuto caro. Vestia-se depois com cuidado, encharcava-se de água-de-colônia, e, de luvas claras, estava um momento à porta do Hotel, saboreando a entrada, o guarda-portão; ia à casa Havanesa, florir-se

com uma camélia, e com a boquilha em riste, fazendo vergar a *badine* descia o Chiado errava pela Baixa, dava uma volta no Aterro, numa moleza de vadiagem (...) (Queiroz & Alves, 2012, p. 29).

A instalação da iluminação a gás, e mais tarde, da elétrica, nas grandes cidades europeias permitiu dilatar a permanência no espaço público à noite (Lovatt & O'Connor, 1995). Os lisboetas e os visitantes da cidade tinham a liberdade de frequentar, sem sobressaltos, o Teatro D. Maria II, situado no Rossio e o D. Amélia ou o Teatro S. Carlos (único de ópera do país) que se localizavam no Chiado.

Não é de estranhar, face aos equipamentos culturais e aos estilos de vida cultivados no Chiado, que, a maioria dos bons hotéis de Lisboa, se tivessem instalado nesta zona. Quase todos (com exceção do Hotel Borges e do Hotel *Alliance*) ocuparam um de dois grandes palácios: o Ferreira Pinto, no Largo do Chiado, número seis, e o Barcelinhos, na Rua do Carmo, número dois.

No Palácio Ferreira Pinto alojaram-se os hotéis que mais cedo desapareceram e sobre os quais se dispõe de menos informação: o Itália, o *Matta* e o Península. Afirma-se que eram os mais antigos porque, embora mencionados pelos olisipógrafos (Costa, 1987) não estão incluídos no *Almanach* Comercial para 1884 (o mais antigo que se conseguiu localizar). O Hotel *Matta* foi, de longe o mais conhecido, apesar de apenas se ter encontrado, para além da além da menção de Costa (1987), um anúncio que alude ao estabelecimento hoteleiro, no Palácio Ferreira Pinto. O proprietário divulgava a sua inauguração com jantares confeccionados por um cozinheiro francês. Nesta nota publicitária mencionava-se ainda as qualidades da unidade hoteleira, 'arejada', bem localizada, com 'boas salas e excelentes quartos' tudo nas melhores 'condições higiénicas', incluindo os 'espaçosos' quartos de banho (*Diário Ilustrado*, 1873, s.p.).

No Palácio Barcelinhos instalou-se o Hotel Europa ou Hotel de *l'Europe* que se manteve no edifício entre 1845 e 1912. Dele resta apenas a memória da permanência de várias prima-donas do Teatro

S. Carlos e de Sara Bernhart que aí esteve hospedada durante a sua segunda visita a Portugal, em Abril de 1880 (Costa, 1987).

O Hotel Gibraltar mudou-se para o Palácio Barcelinhos em 1987. Nele se alojou a Princesa Maria Rattazzi, que o descreve da seguinte forma: "tem certa aparência exterior, dir-se-ia de igreja, que já foi noutra tempo; a escada é magnífica, os quartos são grandes e arejados, mas a cozinha é execrável, as camas piores do que a cozinha..." (Rattazzi, 1881, p. 34). Eça de Queiroz alude ao Hotel Gibraltar como espaço de transgressão das elites no romance *O Primo Basílio* (1986, p. 364).

O mais famoso de quantos hotéis existiram no Chiado foi, sem qualquer dúvida, o Hotel Universal que se instalou no Palácio Barcelinhos em 1883. O seu segundo proprietário, João Baptista Potestá, era muito considerado nos meios cultos da cidade (Costa, 1987). Maria Rattazzi (1881, p. 34) afirmava "que era administrado e frequentado por italianos, cantores e dançarinas do teatro de S. Carlos" e muito caro.

No Hotel Universal situou Eça de Queiroz alguns episódios do romance *A Capital*, onde se hospedara, como já se referiu, a personagem principal, Artur Corvelo. Um dos mais interessantes é o jantar literário o qual não se afasta daquilo que a imprensa da época e os olisipógrafos escreveram sobre as reuniões que ocorriam nos estabelecimentos hoteleiros (Queiroz, 1980c, pp. 140)

O banquete do nosso colaborador Melchior Cordeiro foi uma verdadeira festa da Inteligência. No esplêndido salão do Hotel Universal achava-se reunido o que a Literatura, a Política e o *HighLife* têm de mais eminente: um *bouquete* de celebridades. Vimos o inspirado orador Carvalhosa, o brilhante poeta Roma, o estimado barítono Sarrotini, o social Pardilhão, o espirituoso folhetinista Xavier, esse Jules Janin da imprensa portuguesa, o estudioso actor Cordeiro e o nosso querido director, Sr. Saavedra.

Para além dos hotéis instalados nos palácios Barcelinhos e Ferreira Pinto, merecem destaque mais

dois localizados no Chiado: o *Alliance* e o Borges. O Hotel Borges, um dos mais antigos de Lisboa, ocupa desde 1884 o edifício onde se encontra atualmente, na Rua Garrett, número 108.

Os hotéis foram abandonando o Chiado atraídos por outras zonas da cidade. De início, pela Estação do Rossio, e, posteriormente, pela Avenida da Liberdade. Dos oito hotéis que existiam no Chiado, em 1884 (ACL, 1884, p. 140), restavam quatro em 1913 (Anuário Comercial, 1913, p. 1163-1165).

2.2. Os hotéis do Cais do Sodré

As obras realizadas, ao longo da margem do Tejo, durante o século XIX, tinham como objetivo a construção do porto de Lisboa e das linhas férreas suburbanas (Gomes, 2009). A primeira grande intervenção na margem do Tejo, que deu origem ao denominado Aterro da Boavista, teve início em 1858, num espaço que “correspondia, aproximadamente, à zona entre a Praça Duque de Terceira (ao Cais do Sodré) e os antigos areais de Santos” (Baixinho, 2008, p. 33). Neste local foi aberta uma praça, que recebeu a estátua do Duque de Terceira. Na zona envolvente instalaram-se os cafés, as tabacarias, as companhias de navegação, o cais e a estação de caminho-de-ferro. (Araújo, s.d.(a)). Desde o século XVIII que contava com uma oferta de alojamento, embora modesto, constituída sobretudo por hospedarias (Freire, 1937, p. 73). As obras realizadas em 1858 deram origem ao novo terreiro marginal, descrito por Castilho:

Já Lisboa toda, desde 1867, se costumara com gosto ao desafogado terreiro marginal. (...) Já os incredulos viam no Aterro, ainda então em meio, o mais bello dos passeios publicos. Havia tardes, na primavera e no outomno, em que a sociedade concorria ali, áquele salão enorme, a ver o Tejo, que é o amigo de nós todos, e a contemplar as magnificencias da grande orchestra de tons luminosos com que o sol se despedia (Castilho, 1893, p. 686, citado por Baixinho, 2008, p. 33).

Com o intuito de reforçar a descrição da beleza desta zona evoca-se a alusão de Maria Rattazzi (1881, p. 4) à sensação de deleite, que qualquer visitante teria, ao entrar em Lisboa por via marítima: “Subir o Tejo, desde a barra até Lisboa, é um do espectáculos que valem bem toda uma viagem. É simplesmente maravilhoso!”

Na Rua Duque da Terceira, número 20 a 27, localizava-se a hospedaria Estrela Branca. Nela se hospedou, em 1842, o Príncipe Félix Lichrowsky, que, no seu diário, destaca a paisagem sobre o Tejo e a qualidade ‘sofrível’ do quarto, embora ‘arejado’, ‘espaçoso’ e com um enorme leito. O chão era, como por todo o país, coberto ‘com esteiras finas’, feitas de junco amarelo, muito ‘elegantes’ e ‘agradáveis’ (Câncio, 1962, p. 380).

A proprietária desta hospedaria transformou-a no Hotel Central o qual encerrou em 1919. O Conde de Mafra (*Diário de Lisboa*, 1930, p. 5) refere nas suas memórias que, no último quartel do século, era frequentado “pela melhor gente estrangeira”. Em 1891 (*Guia Ilustrado de Lisboa...*, 1891) era considerado um estabelecimento de primeira ordem, bem localizado, com magnífica vista sobre o Tejo e cozinha francesa. Maria Rattazi (1881, p. 33) pelo contrário, considerava que esta unidade de alojamento não tinha “nada de extraordinário”. Através da obra literária de Eça de Queiroz é possível reconstituir um pouco do ambiente que se vivia neste estabelecimento hoteleiro. As aspirações do pequeno-burguês Teodoro, do Ministério do Reino, a conviver com as elites, expressas no *Mandarim* (Queiroz, 1980d, p. 10), o jantar que Ega oferece a Croft (*Os Maias*) com uma descrição sumária do restaurante (Queiroz, 1980a, pp. 147-161), a consulta de Carlos a Rosa, filha de Maria Eduarda, referida em *Os Maias*, que decorre numa *suite* da época (Queiroz, 1980a, pp. 242-247), e o banho de Basílio contado em *O Primo Basílio* (Queiroz, 1980b, pp. 252-255) – todas estas narrativas têm por cenário o Hotel Central.

O Hotel Bragança, situado na Rua do Ferragial de Cima (atual Vítor Cordon), estava em funcionamento em 1850, ano em que anunciava os seus bailes de Carnaval (*Revista Popular*, 1850). Eça de Queiroz

menciona o hotel em *Os Maias* quando refere que Ega e Carlos “numa luminosa e macia manhã de Janeiro de 1877 [...] almoçaram num salão do Hotel Bragança, com as janelas abertas para o rio” (Queiroz, 1980a, p. 649). Quanto à qualidade dos seus serviços evoca-se o testemunho de Maria Ratazzi (1879, p. 33): “O Hotel Bragança, situado na cidade tem ótima paisagem sobre a enseada. É excelente, é muito conhecido e bem visto, mas muito caro. É o melhor de todos sem comparação”.

Em 1884 (ACL, 1884) existiam nove hotéis no Cais do Sodré, para além do Hotel Bragança e do Hotel Central, conquanto o seu número tenha diminuído mais rapidamente do que no Chiado. Em 1909 (Anuário Comercial, 1909) eram apenas quatro e a partir de 1946 (Lista Telefónica de Lisboa, 1946) só o Hotel Bragança se manteve em atividade.

2.3.Os hotéis da Baixa pombalina

A terceira zona escolhida pelos hoteleiros era a da Baixa que dispunha de uma oferta comercial idêntica à do Chiado, vários serviços privados, como bancos, companhias de seguros e repartições do Estado (Macedo, 1938).

Dos numerosos hotéis que se instalaram nas ruas da Baixa destacam-se os dois hotéis *Francfort*: o do Rossio, inaugurado em 1867, na Rua D. Pedro IV, número 113; e o da Rua de Santa Justa, número 72, aberto em 1894. O Hotel Duas Nações situado na Rua da Vitória, número 41, inaugurado em 1875, faz parte deste grupo que se instalou nesta zona da cidade. Este último é o mais antigo estabelecimento hoteleiro de Lisboa, instalado no mesmo edifício há 139 anos (Araújo, s.d.(a)).

Os hotéis a que se aludiu, ao longo deste artigo, eram considerados os melhores da capital. No entanto existiam outros que seriam simples pensões onde se alojariam visitantes com recursos financeiros modestos. Eça de Queiroz deixou um retrato mordaz do Hotel Espanhol situado na Rua da Prata, número 156 (Queiroz, 1980c, pp. 101-102):

Da escada do Espanhol, sombria, saía um cheiro enjoativo a amoníaco. Um criado de suíças e cabeleira esguedelhada, que o tratou por *usted*, levou-o para um quarto pequeno forrado de papel verde. A janela abria para um saguão melancólico e a água que caía da goteira, cantava em baixo num balde de zinco.

Nas ruas da Baixa o número de hotéis aumentou, de oito em 1884 (ACL, 1884, p. 140) para 16, em 1913 (Anuário Comercial, 1913, pp. 1163-1165.). O seu número foi decrescendo a partir dessa data, acabando por albergar dois em 1955 (LTL, 1955).

2.4.O anexo da Estação Central e futuro Hotel Avenida Palace

A estratégia de desenvolvimento urbana de Lisboa incluía a melhoria das acessibilidades ferroviárias, como já se afirmou. A fundação da Companhia Central dos Caminhos de Ferro de Portugal, instituída em Londres, em 1852, permitiu iniciar o programa de obras com a concessão provisória para a construção da linha de Lisboa, a Santarém, a qual foi prolongada até à fronteira e concluída em 1863. A ligação à fronteira possibilitou inaugurar, em 1868, o serviço Lisboa/Madrid para passageiros de 1.ª classe (Matos, Ribeiro & Bernardo, 2009) e, em 1887, o *Sud Express*. Esta linha, que resultava de um grande projeto europeu, pretendia ligar Lisboa a S. Petersburgo. Entrou em atividade no percurso Paris, Madrid, Lisboa, sendo explorada pela *Compagnie Internationale des Wagons-Lits et des Grands Express Européens*. A nova rede europeia tinha ainda como objetivo transformar Lisboa num centro de distribuição de passageiros para as viagens intercontinentais, ao articular o transporte ferroviário intraeuropeu, propiciado pelo *Sud Express* com o transporte marítimo, a partir do Porto de Lisboa. A *Gazetta dos Caminhos de Ferro* menciona claramente esta intenção (1888, p. 5):

O *Sud-Express*, o último trem de luxo inaugurado recentemente pela Companhia Internacional de wagons-leitos, acaba de se completar por meio da combinação com as duas principais companhias inglesas de navegação, "The Union Line", cujos paquetes fazem o trajecto entre Southampton, Cabo da Boa Esperança e costa oriental d'África e a "Royal Mail" que parte de Lisboa para o Brasil e Rio da Prata. Cada uma destas companhias faz a partida dos seus vapores às segundas feiras alternadamente, de forma que os passageiros chegados no *Sud-Express* seguem no mesmo dia ao seu destino, poupando 24 horas de trajecto, os incómodos da viagem por mar, entre Londres, Havre, Bordeos e Lisboa, e os perigos da travessia do golfo da Biscaya.

A necessidade de construir uma estação central, em Lisboa, que apresentasse a dignidade necessária para acolher os visitantes (ver secção 2) fazia-se sentir com grande acuidade.

A 1 de Maio de 1888, a *Gazetta dos Caminhos de Ferro* noticiava que o projeto do arquiteto José Luís Monteiro (1848-1942), para a fachada da Estação Central (do Rossio), tinha sido aprovado. Aflorava a construção de um outro corpo do imóvel que albergaria um restaurante.

Na edição comemorativa da inauguração da Estação Central do Rossio, a *Gazetta dos Caminhos de Ferro* (Cohen, 1890, pp. 179-187) clarificava-se a composição da gare informando que a Estação Central era constituída por dois edifícios. O que se localizava a sul, o edifício principal, estava destinado à estação de caminho-de-ferro. Para o 'anexo', situado a norte, estava programado um restaurante no primeiro andar e a instalação do serviço das encomendas postais no segundo. O edifício acabou por ser alugado à companhia *Wagons-Lits* que o transformou em hotel (*Diário Ilustrado*, 1892, p. 1) passando, deste modo a assegurar não só o transporte internacional mas também o alojamento junto ao terminal ferroviário internacional.

O articulista que, em 1892, descreveu a inauguração do Hotel Internacional (mais tarde designado

por Avenida *Palace*) afirmava tratar-se de uma unidade de alojamento de 'primeira ordem', moderna e elegante que podia rivalizar com os melhores hotéis estrangeiros. Os quartos tinham um aspeto verdadeiramente principesco com as suas camas do primeiro e segundo andar em latão e as dos andares superiores em latão e ferro, todas com 'mosquiteiros' e 'colchas riquíssimas', em 'damasco de seda' azul e vermelho. Os tapetes, os sofás e os reposteiros apresentavam grande qualidade. Os melhores quartos 'para nababos' e 'príncipes multimilionários' tinham casa de banho (*Diário Ilustrado*, 1892, p. 1; *Jornal de Notícias*, 1892). A Sociedade de Propaganda de Portugal a primeira organização a defender, desenvolver e promover o turismo nacional que escolhia e recomendava os melhores hotéis indicou sempre o Hotel Avenida *Palace*.

A construção da Estação Central do Rossio atraiu os hotéis para as zonas do Rossio e dos Restauradores. Em 1884 (ACL, 1884) apenas o Hotel Irmãos Unidos ocupava um edifício nesta praça. No ano da inauguração do Hotel Avenida *Palace* (ACL, 1892) já se tinham instalado quatro, que duplicaram até ao ano de 1906 (ACL, 1906). Na década de trinta do século XX (LTL, 1930, 1934) contavam-se 12 unidades hoteleiras.

3. Conclusão

Os hotéis de Lisboa, até ao final do século XIX, não abandonaram os limites da cidade tradicional, como se verificou em muitas outras cidades a nível mundial. Localizavam-se em zonas nobres da cidade, com forte carga simbólica, sem deixarem de acompanhar o desenvolvimento dos transportes, e, principalmente, os locais de implantação dos seus terminais. A conjugação destas duas linhas de força nas opções tomadas, quanto à situação das unidades de alojamento, permite comprovar que os empresários do setor estiveram sempre atentos, ao longo do período em causa, a dois aspetos fundamentais da

evolução da cidade. Por um lado às estratégias de afirmação, desenvolvimento e internacionalização no que concerne a melhoria das acessibilidades e as novas políticas de expansão da cidade. Por outro, aos espaços de sociabilidade que melhor expressaram a cultura urbana da época.

A escolha da localização das unidades hoteleiras, de maior categoria, incidiu em zonas nobres da cidade: Chiado, Cais do Sodré e algumas ruas da Baixa. O Chiado era, nessa época, a zona mais importante da cidade, pelos seus espaços culturais e pelos estilos de vida, estes últimos em consonância com o que acontecia noutras capitais europeias, como Paris e Barcelona, embora com as condicionantes e as limitações de um pequeno país periférico. A opção pelo Cais do Sodré resulta da proximidade do porto, acessibilidade principal de Lisboa, antes do surgimento do caminho-de-ferro. No entanto a opção de localização dos hotéis deve-se, igualmente, à proximidade do rio, ao usufruto da paisagem marítima e à criação do aterro e sua utilização, com espaço de lazer e de urbanidade. Já as unidades hoteleiras que se instalaram em algumas ruas da Baixa parecem estar ao serviço de clientela de estrato social mais baixo.

No final do período em análise, a construção da Estação Central do Rossio, que permitiu oferecer um terminal condigno aos viajantes, implicou à abertura Hotel Avenida *Palace* (embora o edifício não tivesse sido concebido para esse fim) o qual desempenhou o papel de hotel de estação, propriedade da mesma companhia que assegurava a linha *Sud-Express*. Simbolicamente os edifícios situam-se entre o limite da cidade antiga (Estação do Rossio) e a Avenida da Liberdade (Hotel Avenida *Palace*) início da nova zona de expansão da cidade.

Referências bibliográficas

- Almanach* Comercial de Lisboa [ACL] (1884, 1889, 1892). Lisboa. Anuário Comercial de Lisboa (1899, 1906, 1909, 1912, 1913). Lisboa.
- Araújo, N. (s.d.(a)). *Peregrinações em Lisboa* (Vol. XII). Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- Araújo, N. (s.d.(b)). *Peregrinações em Lisboa* (Vol. XIII). Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- Arbel, A., & Pizam, A. (1977). Some determinants of urban hotel location: The tourists' inclinations. *Journal of Travel Research*, 15(3), 18-22.
- Baixinho, A. (2008). *Turismo de cruzeiros em Lisboa: Uma abordagem antropológica*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Benjamin, W. (1997). Paris: Capital do século XIX. In C. Fortuna (Ed.). *Cidade, cultura e globalização* (pp. 67-83). Oeiras: Celta Editora.
- Câncio, F. (1962). *Lisboa no tempo do passeio público* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Barreiro.
- Carreras, C. (1994). Os novos espaços de consumo de Barcelona. *Finisterra*, XXIX (57), 103-117.
- Carvalho, J. (1938). *Lisboa de outrora*. Lisboa: Amigos de Lisboa.
- Cohen, D. X. (1890). Número comemorativo da inauguração da Estação Central do Rocio e Linha Urbana de Lisboa. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 11 de Junho, 179-187.
- Costa, M. (1987). *O Chiado pitoresco e elegante: História, figuras, usos e costumes* (2ª ed.). Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.
- Diário de Lisboa (1930). As memórias do Conde de Maфра abrangem um período interessantíssimo da vida portuguesa. *Diário de Lisboa*, 3 de abril, p. 5.
- Diário Ilustrado (1873). Anúncios de 13 de Setembro de 1873. *Diário Ilustrado*. Acedido em 2 de janeiro de 2013, disponível em http://purl.pt/14328/1/j-1244-g-1873-09-13/j-1244-g-1873-09-13_item2/j-1244-g-1873-09-13_PDF/j-1244-g-1873-09-13_PDF_24-C-R0150/j-1244-g-1873-09-13_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf
- Diário Ilustrado (1982). O anexo da Central do Rocio: A abertura do Grande Hotel Internacional. *Diário Ilustrado*, 10 de outubro, 1.
- Ferreira, A. M. (1994). *A arquitetura hoteleira de Lisboa (1892-1959)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- França, J. A. (1989). *Lisboa: Urbanismo e arquitectura*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação.
- Freire, J. (1937). *Minudências lisboetas: Rápidos aspectos de Lisboa Antiga*. Porto: Livraria Simões Lopes.
- Gazeta dos Caminhos de Ferro* (1888). De Paris à Madeira, Africa, Brazil e Rio da Prata. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 15 de Março, 5. Acedido a 12 de janeiro de 2013, disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCFPE/1888/N1/N1_master/GazetaCFPEN1.pdf
- Guia Ilustrado de Lisboa e regiões circunvizinhas* (1891). Lisboa.
- Gutierrez, R. S. (1977). Localización actual de la hostelería Madrileña. *Boletín de la Real Sociedad Geográfica*, 2, 347-357.
- Gomes, G. (2009, 14-17 outubro). *Lisboa: A plataforma portuária e as ligações ferroviárias*. Artigo apresentado no V Congresso de Historia Ferroviária, Palma. Acedido a 14 de março de 2013, disponível em http://www.docutren.com/congreso_palma/pdfs/com/Ses02/0206_Gomes.pdf
- Hofmayer, A. (1986). Some geographical aspects of tourism in Vienna. In F. Vetter (Ed.), *Big city tourism* (pp. 200-212). Berlin: Reimer Verlag.
- Jornal de Notícias (1982). Hontem inaugurou-se o Hotel Internacional situado na Praça dos Restauradores. *Jornal de Notícias*, 13 de outubro.

- Lista Telefónica de Lisboa [LTL] (1946, 1955). Lisboa.
- Lovatt, A., & O'Connor, J. (1995). Cities and night-time economy. *Planning Practice and Research*, 10(2), 127-135.
- Macedo, L. (1938). *A Baixa Pombalina*. Lisboa: Amigos de Lisboa.
- Marques, J. (1981). *História de Portugal* (Vol. III). Lisboa: Palas Editores.
- Matos, A., Ribeiro, E., & Bernardo, M. (2009, 14-17 outubro). *Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (final do século XIX e primeiras décadas do século XX)*. Artigo apresentado no V Congresso de Historia Ferroviária, Palma. Acedido a 14 de março de 2013, disponível em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/caminhos-ferro-turismo-em-portugal-final-do-seculo-xix-primeiras/id/52547963.html
- Ortiz, R. (2000). Walter Benjamin e Paris individualidade e trabalho intelectual. *Tempo Social*, 12(1). Acedido a 5 de abril de 2013, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702000000100002&script=sci_arttext
- Page S., & Sinclair, T. (1989). Tourism and accommodation in London: Alternative policies and the docklands experience. *Built Environment*, 15(2), 125-137.
- Pearce, D. G. (1981). L'espace touristique de la grande ville: Eléments de synthèse et application à Christchurch (Nouvelle-Zélande). *L'Espace Géographique*, 10(3), 207-213.
- Queiroz, A., & Alves, D. (2012). *Lisboa, lugares da literatura: História e geografia na literatura de ficção*. Lisboa: Apenas Livros.
- Queiroz, E. (1980a). *Os Maias* (Vol. VI). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Queiroz, E. (1980b). *O Primo Basílio* (Vol. I). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Queiroz, E. (1980c). *A Capital* (Vol. II). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Queiroz, E. (1980d). *O Mandarim* (Vol. III). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rattazzi, M. (1881). *Portugal de Relance* (Vol. II). Lisboa: Livraria Zeferino-Editora.
- Revista Popular (1850). Anúncio do baile de Carnaval no Hotel Bragança. *Revista Popular*, 51, 405.
- Ritter, W. (1986). Hotel location in big cities. In F. Vetter (Ed.), *Big city tourism* (pp. 355-364). Berlin: Reimer Verlag.
- Shoval, N., & Cohen-Hattab, K. (2001). Urban hotel development patterns in the face of political shifts. *Annals of Tourism Research*, 28(4), 908-925.
- Simmel, G. (1997). A metrópole e a vida do espírito. In C. Fortuna (Ed.), *Cidade, cultura e globalização* (pp. 83-103). Oeiras: Celta Editora.
- Silva, A., & Matos, A. (2000). Urbanismo e modernização das cidades: O 'embelezamento' como ideal de Lisboa, 1858-1891. *Scripta Nova*. Acedido a 27 de março de 2013, disponível em <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2402/1/Urbanismo%20e%20moderniza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Cidades.pdf>
- Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 69(30), s.p. Acedido a 22 de março de 2013, disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-30.htm>
- Sociedade Propaganda de Portugal (1907-1912). *Boletim*. Lisboa: Sociedade Propaganda de Portugal.
- Wall, G., Dudycha, D., & Hutchinson, J. (1985). Point pattern analyses accommodation in Toronto. *Annals of Tourism Research*, 12(4), 603-618.